

ENTREVISTA

CACO BARCELOS

Por um Brasil igual

Jornalista sugeriu a jovens estudantes que se preparem para atacar a desigualdade

NÉLSON GONÇALVES

Com o lado direito do rosto ainda inchado por causa de um tombo que levou ao “pilotar” uma bicicleta, o jornalista e gaúcho Cláudio (Caco) Barcelos foi recebido com apupos por cerca de 1.500 calouros da Universidade do Sagrado Coração (USC), neste mês. Durante a aula de abertura do ano letivo da universidade, ele falou de sua trajetória e ainda advertiu para a matriz dos problemas nacionais - a desigualdade social.

Caco confessou enorme chateação ao sofrer tentativa de agressão por jovens estudantes durante as manifestações públicas contra a corrupção no País, em 2013, e defendeu, ainda, que, em sendo psicólogo, economista, gestor de empresas ou jornalista, o profissional dê para sua atividade “algo além da obrigação”. Para o jornalismo, ele orientou que interessados na carreira incluam na cartilha de “boas práticas” serem “intelectualmente inquietos e ajudarem as pessoas a traçar melhor suas vidas através da informação”.

Na aula-palestra, Caco usou boa parte do tempo para alertar estudantes sobre a profundidade do desequilíbrio na distribuição de renda no País, convidando os futuros profissionais das próximas gerações a atuar em função desse problema. “Pode dar certo um País que tem 71.400 pessoas com renda mensal superior a 160 salários mínimos, ou na média ganhando R\$ 350 mil, e, na outra ponta, 100 milhões de pessoas sobrevivendo com meio salário mínimo? É essa realidade que a geração de vocês vai encontrar e terá de confrontar. Em qualquer que seja a profissão em que você vá atuar, é essa questão que terá de ser resolvida.”

De posse desse horizonte, Caco afirmou que é levando em conta esta pirâmide que são escolhidas as pautas do programa Profissão Repórter, onde ele atua e coordena um grupo de jovens jornalistas. “Lá no Profissão Repórter é esta realidade que determina a distribuição dos conteúdos da pauta. O peso maior para a cobertura de um fato em relação aos segmentos sociais leva em conta este País profundamente desigual”, diz.

Para o jornalista, na raiz de todos os demais problemas do País está a desigualdade. “Na origem do medo de morrer, da violência, das carências na saúde, em emprego ou da miséria está a desigualdade. Esse é o País das enormes diferenças. E é a desigualdade que marca a infinita distância de acessos e de condições socioeconômicas para todos os segmentos. E essas diferenças complicam a vida em sociedade.”

Ele advertiu que os jovens da atual geração têm mais ferramentas que o de sua juventude. “Vocês são jovens de sorte, são da revolução digital e não precisam nem ir à biblioteca para levantar informação. Vocês têm a chance de serem bem informados e são, pelas ferramentas, melhor preparados para enfrentar os desafios do que a minha geração”, disse.

Caco completou que o retalho social formou um País estranho. “As mães da classe média trabalham fora e as mães do morro também estão fora de casa, mas são elas quem cuidam dos filhos de quem pode e para isso precisam deixar seus filhos em casa, que são convidados a cuidar do tráfico. Portanto, sua profissão será maravilhosa se você ajudar a mudar isso”, sugeriu.

Hostilizado por um grupo de estudantes que integrou a multidão que protestou contra a corrupção no País, ainda em junho de 2013, ao realizar matéria nas ruas, Caco demonstrou ressentimento. “Fiquei muito triste. Tentaram me linchar, queriam impedir que eu trabalhasse como

repórter. Eu disse aos jovens manifestantes que eu ia contar minha história e que teriam de me matar para me impedir de trabalhar. Fiquei mal com isso.”

O jornalista complementou que, no calor do conflito, disse aos jovens que criticassem seu trabalho, mas que não poderiam impedir ele de trabalhar. “Também disse aos jovens que fizessem melhor, que usassem as ferramentas da rede social que têm e criticassem o conteúdo. E ainda que mudassem de canal, mas que não tinha sentido querer me impedir de trabalhar. Fiquei muito abalado.”

Perguntado por uma estudante sobre situações de risco no exercício da profissão, Caco mencionou que durante cobertura sobre o conflito de Israel o carro em que estava a equipe levou tiros no pneu. “Eu dirigia o veículo e conseguimos sair da frente de tiros com alguma dose de sorte. Acho que o fato de eu ter sido taxista me ajudou a controlar o carro. Eu digo esse exemplo para que vocês pensem que ferramentas você têm para exercer a profissão? Os olhos e ouvidos são as ferramentas mais importantes para o repórter”, abordou.

Caco Barcelos falou de outras temáticas na aula inaugural dos cursos da USC. Ao final, ainda teve paciência para acalmar a ansiedade de fãs e fotografar para quem ficou em uma longa fila. Antes de pegar a estrada, o jornalista atendeu ao JC por 10 minutos.

Caco Barcelos: “Nem todos sabem usar bem a liberdade e transformam a rede social em palco de linchamento moral”



Jornal da Cidade - Você passou aqui pelo crivo do assédio. É mais fácil ser ou fazer notícia?

Caco Barcelos - Nunca sou notícia. Mas aqui tentei atender o máximo de pessoas que pude, mesmo para fotos. Gosto dessa oportunidade de interagir, ver de perto as pessoas, elas receberem informação, intercederem, fazerem alguma ponderação, ver a reação no rosto delas.

JC - Como fica o jornalismo factual diário e a dificuldade do jornalista em lidar com a ansiedade do tempo para a apuração da matéria e a presença de informação full time nas redes sociais?

Caco - Hoje temos correntes demais com a chegada da tecnologia digital. Todos competem, de certa forma, com o jornalista. Até os governantes hoje publicam sua visão sobre o que lhes interessam. Antigamente, eles tinham seus assessores para serem ajudados a melhor se comunicar. Mas não acho eles bons comunicadores, em geral. Veja o exemplo do Barack Obama, quando ele mesmo quis narrar o que seria a morte de Osama Bin Laden. Ele é muito bom no telepronter (equipamento de TV que ‘escreve’ o texto a ser a ser lido pelo apresentador), é bom comunicador, mas um péssimo repórter.

JC - E como você vê a pulverização de versões instantâneas via internet?

Caco - Esse é o lado ruim da história. É tão maravilhosa a democratização às diferentes possibilidades de acesso a uma informação pela internet, mas tem gente usando para o bem e o mal. Não imaginava que eu viveria esse tempo. Era um sonho ter a liberdade plena das pessoas se posicionarem, criticarem em ambiente aberto, pela rede. Se fala mal do governo em escala pela rede. E é incrível essa oportunidade. A liberdade é incrível e perigosa. Mas nem todos sabem usar bem essa liberdade e transformam a rede social em palco de linchamento moral. É pena, mas é um processo em andamento. Tem o lado sensacional da liberdade plena de expressão e as anomalias que precisam ser corrigidas.

JC - No relatório da Abert desse ano a profissão jornalista continua no topo do risco de exercício. Você teve problemas com ambientes de guerra, mas advertiu na aula para os extremos da desigualdade. Qual sua sensação sobre os níveis de violência?

Caco - Honestamente, não tenho elemento para discordar ou não desse relatório em relação ao trabalho do jornalista. Mas nunca achei que a gente fosse alvo de perseguição nessa escala. Temos, sim, jornalistas vítimas de fatos lamentáveis. Mas acho que o exercício da profissão é até protegido aqui. Nunca fiz uma reportagem que coloca o jornalista como vítima em função de sua atuação profissional. Acho mais grave que temos um nível alarmante de violência porque somos um dos países mais violentos do mundo no trânsito, em função do tráfego, da desigualdade social. Matamos aqui 50 mil pessoas por ano em ações de violência. Certamente o jornalista não está entre as profissões que mais morrem. A maior parcela da população é muito menos protegida da violência do que jornalistas e outros grupos sociais.

JC - Qual sua leitura à crítica de que seu livro “Abusado” retrata uma visão mais romântica da violência?

Caco - O crítico pode falar o que ele quiser, tudo bem. Quase sempre o crítico é um bom destruidor do trabalho alheio. Depende do que ele considerou romântico no livro. Dizer que as pessoas, além de cometer crime, também têm uma vida, que elas amam, odeiam, têm crises, choram, riem? Geralmente, quem critica assim o trabalho que envolve criminoso ‘de baixa renda’ retrata essa situação com uma visão mais maniqueísta, pequena. Mas não acho que seja assim. Qualquer indivíduo, criminoso ou não, tem uma história muito complexa. E meu livro mostra a complexidade dessas pessoas.

JC - Você comentou com os jovens que ficou muito triste com a hostilização recebida nas ruas. Mas a reação não foi muito mais à emissora que você trabalha do que ao seu trabalho?

Caco - Não sei te dizer mesmo. Trabalho tanto para desenvolver minhas simples matérias que não me sobra tempo para analisar a dos outros. Não sei te responder mesmo.

JC - Você aprecia as reportagens de telejornais que surgem com mais grafismo na tela, as cenas com maior movimento e o repórter mais descontraído no visual e na emissão de textos?

Caco - Toda iniciativa para tornar a história mais atraente é legítima, sem perder a seriedade, a relevância pública. A notícia ser apresentada de forma atraente é fundamental. Seja no rádio, no livro, na televisão, tem mesmo de caprichar ao máximo. E essas novas linguagens, ou formatos fazem parte desse aprendizado.

JC - A polícia que você acompanha nas matérias hoje é mais ou menos violenta que a que você descreveu no livro Rota 66?

Caco - Ela continua profundamente injusta. Não é uma polícia democrática quando se trata de polícia militar estadual. A federal daqui é igual, em geral, às polícias do mundo na área, mesmo a Polícia Civil e o Ministério Público. São polícias com bom trabalho, cada qual com sua dificuldade. Mas as polícias militares estaduais são as paladinas da brutalidade, da injustiça sempre contra a mesma categoria social. Elas não são as mesmas contra os ricos. Jamais elas foram. As brutalidades que elas fazem todos os dias jamais fizeram contra os ricos, sejam eles ladrões, traficantes. Se é rico, são tratados com respeito.

Os olhos e ouvidos são as ferramentas mais importantes para o repórter”

Caco Barcelos